

A IMPORTÂNCIA DA COMUNICAÇÃO EM LIBRAS PARA O PROCESSO EDUCACIONAL DO ALUNO SURDO

THE IMPORTANCE OF LIBRAS COMMUNICATION TO THE EDUCATIONAL PROCESS OF DEAF STUDENTS.

Gabriela Braum¹

Helenilze Espindula Rossi Coser Zanoni²

1. Graduada em Licenciatura em Pedagogia pela FARESE.

E-mail: gabrielabraum@hotmail.com

2. Especialista em LIBRAS pela Escola de Ensino Superior FABRA. Professora da FARESE.

E-mail: helenilzezanoni@yahoo.com.br

Instituto de Ensino Superior da Região Serrana
Rua Jequitibá, 121 – Centro
Santa Maria de Jetibá – ES – Brasil – CEP 29645-000

A IMPORTÂNCIA DA COMUNICAÇÃO EM LIBRAS PARA O PROCESSO EDUCACIONAL DO ALUNO SURDO.

THE IMPORTANCE OF LIBRAS COMMUNICATION TO THE EDUCATIONAL PROCESS OF DEAF STUDENTS.

RESUMO

O presente artigo, intitulado *A importância da comunicação em Libras para o processo educacional do aluno surdo*, visa entender como ocorre a comunicação dentro do espaço escolar, para e com os sujeitos com surdez, tendo como objetivo principal compreender a importância da comunicação para o aluno surdo. A problemática analisada: A comunicação em Libras pode ou não interferir no processo de aprendizagem do aluno surdo? O presente estudo mostra a realidade de três alunas surdas inseridas no espaço educacional e suas contribuições para a compreensão da importância da Língua Brasileira de Sinais para o processo educacional. O trabalho foi desenvolvido por meio de entrevistas abertas com as três alunas surdas e os professores que acompanharam duas das alunas no ano letivo de 2018, e questionários com colegas de sala de aula das alunas surdas do Ensino Fundamental II.

Palavras-chave: Comunicação - Aprendizagem – Interação social

ABSTRACT

The present article, entitled *The importance of Libras communication to the educational process of deaf students*, aims to understand how the communication in school space occurs, to and with deaf people, having as primary goal comprehend the importance of communication to deaf student. The condition analyzed: Libras communication can or cannot interfere on the learning process of deaf students? The present study shows the reality of three deaf students introduced on the educational space and its contributions to the comprehension of the importance of Brazilian Sign Language to the educational process. The study was developed by open interviews with the three deaf students and the teachers how accompanied two of the students during the school year of 2018, and questionnaires answered by classmates of the dead students of Elementary School II.

Key words: Communication - Apprenticeship - Social Interaction.

INTRODUÇÃO

No Brasil atualmente existem duas línguas oficiais, sendo a primeira a língua portuguesa e a segunda, a Língua Brasileira de Sinais (Libras). Esta foi criada com o intuito de atender à “comunidade surda”¹, pela Lei Federal nº 10.436, de 24 de abril de 2002:

Art. 2º Deve ser garantido, por parte do poder público em geral e empresas concessionárias de serviços públicos, formas institucionalizadas de apoiar o uso e difusão da Língua Brasileira de Sinais - Libras como meio de comunicação objetiva e de utilização corrente das comunidades surdas do Brasil.

A Libras é fundamental para a comunidade surda, pois por meio dela são expressas as ideias das pessoas desse grupo, os sentimentos, os desejos, dentre outros. É por essa língua que ocorre a comunicação, que por sua vez permite conhecer e descobrir o novo. As relações de comunicação, ainda que curtas, podem transformar certas concepções. Em um diálogo eficaz, um indivíduo doa para o outro muito mais do que palavras: são sentimentos, perspectivas, vivências, ideais e muitos outros elementos humanitários, que podem influenciar e/ou mudar a forma de pensar e de viver do outro.

Todo o indivíduo nasce, cresce e vive em um contexto social e histórico, que para ele é significativo. Uma criança, à medida que vai se desenvolvendo, busca referências ao seu redor, que por sua vez são base para formação de sua identidade. Dessa forma, a comunicação se manifesta naturalmente, iniciando desde a mais tenra idade, quando a criança ainda não tem a apreensão da língua, mas se comunica através do choro, do olhar e de diversas outras formas.

Vygotsky (1998) afirma que a criança em seus primeiros anos de vida já demonstram um contato social, através dos sons, dos movimentos e das risadas, porém, a partir de aproximadamente dois anos, ela associa o pensamento à fala e promove, pela comunicação, os sentidos aguçados e curiosos da mente.

¹Inclui surdos e todos os indivíduos ouvintes usuários da língua de sinais.

Nesse momento, aflora-se a linguagem do indivíduo, que, segundo Bakhtin (2011), se refere em primeiro plano à sua essência, compreendendo-se aquilo que o indivíduo constrói dentro de si. Essa essência independe da comunicação, pois mesmo que a pessoa não tenha relação de comunicação nenhuma, ainda existirá a necessidade da linguagem em sua mente, e somente em segundo plano, para Bakhtin, a comunicação se faz parte na linguagem.

Entende-se, portanto, que cada indivíduo desde sempre tem a atribuição da linguagem, da qual necessita para se encontrar dentro de seu próprio eu. Bakhtin (2011) ainda diz que a comunicação vem se tornar favorável quando ao encontro com o outro, mas é necessário que seja feito de forma ativa, pois se o outro, que é o ouvinte, for apenas ouvinte passivo não tornará o pensamento real, tornando a comunicação não discursiva.

O autor acrescenta, ainda, que a comunicação discursiva consiste em um processo contínuo em que o outro indivíduo faz parte, contudo, para se tornar efetivo, necessita-se de compreensão e atitudes responsivas desse outro, o que na maioria dos casos não acontece, pois o ouvinte receptor não compreende a linguagem do falante.

Gesser (2009), em suas leituras e pesquisas, afirma que a construção da identidade de um indivíduo não depende das tendências biológicas, mas sim das complexas relações linguísticas, históricas, sociais e culturais com o meio.

Nesse contexto, pode se ter uma singela percepção de que a comunicação dentro da linguagem tem um papel significativo, o qual se refere a uma ampla concepção, que vai além do fato de “falar e ouvir” e além do sentido de apenas dialogar – consiste em uma relação que promove um desenvolvimento em seu campo da linguagem que, como diz Bakhtin (2011), “é parte fundamental para o enriquecimento da sua essência”.

Ele, Bakhtin (2011), quando comenta sobre o discurso, defende que é necessário primeiro compreender o que se fala, para que o outro tenha condições de compreender. O mesmo só é válido a partir do momento em que o primeiro discurso se estende, validando que o sujeito ouvinte não é um sujeito passivo, mas ativo.

Diz ainda que o discurso do outro, promovido através da língua, mesmo que seja dito, pode não ser efetivo para o outro, e isso se dá por dois motivos: ou o receptor ouvinte não está interessado no discurso, ou o falante não se encontra identificado em sua própria fala, não existindo nem mesmo uma significação para si, porquanto o receptor também não entenderá.

Foucault (1996) diz que, quando um indivíduo promove o seu discurso e não é entendido, é tomado como louco, pois desde os tempos mais remotos os loucos eram identificados segundo suas palavras. Entretanto, o discurso ou fala louca para um pode fazer todo o sentido para o outro.

Diante de todas essas explicações, cabe destacar que cada indivíduo, portanto, possui a atribuição de uma linguagem em seu interior e que a comunicação faz parte dela, pois ele precisa de alguma maneira se expressar. Contudo, ao contrário do que muitos pensam, não é somente a comunicação em si que faz a linguagem do indivíduo ser efetivada, mas é essa comunicação em sentido pleno, que promovida através da atribuição de uma língua chega mais próximo de sua concretização.

Mas como se pode haver atribuição de uma língua? Segundo Bakhtin (2011), a atribuição da língua se dá por meio do falar, e a fala se adquire pelo meio social de origem da pessoa, não existindo língua solitária.

E como ocorre a comunicação de um indivíduo surdo, visto que os surdos, com grau de surdez severa, mesmo vivendo em um contexto social rodeado de ouvintes, por não possuírem a audição, não atribuem a língua oral de forma natural?

Quando o indivíduo não surdo – o “ouvinte” – escuta várias vezes as palavras, vai aprendendo a falar por meio da repetição, isto é, aprende a falar porque ouve. No caso dos surdos, essa realidade se distingue, pois, por não possuírem a audição, desenvolvem naturalmente os sinais.

Os sinais formam o conjunto de uma língua, a língua de sinais, com cada país possuindo a sua. Eis alguns exemplos: nos Estados Unidos é a Língua Americana de Sinais; na França, Língua Francesa de Sinais, e no Brasil, Língua Brasileira de Sinais (Libras), sendo aqui a segunda língua oficial do país, regularizada a partir da Lei Federal nº 10.436, de 24 de abril de 2002.

Alguns surdos, devido ao seu histórico de repressão não terem tido acesso à Libras, foram obrigados a serem “oralizados²”, mas isso não faz parte de sua língua natural, pois os surdos usam seus olhos e corpo para interagirem. Gesser, apud Quadros (2009, p. 54), afirma: “Os surdos, sabemos, têm características culturais que marcam seu jeito de ver, sentir e se relacionar com o mundo, e cultura do povo surdo é visual, ela se traduz de forma visual.”.

Não é que os surdos não sejam capazes de se adequar a uma outra forma de gramática e de língua como o Português, no entanto é por meio de sua língua natural que encontram o ponto de partida para inserção e compreensão de outras línguas. Gesser ainda afirma que

Os surdos dançam, apreciam e ouvem música, a seu modo, tem sensações de barulho, constroem seus mundos e suas subjetividades na e através da língua de sinais, enfim, concebem e redefinem seu mundo através da visão. É uma crença equivocada pensar que a língua de sinais dos surdos é uma língua silente, ou que os surdos vivem em um silêncio total. (GESSER, 2009, p.50).

Percebe-se, de acordo com Quadros e Karnopp (2004), que a língua de sinais é, por sua vez considerada pela linguística, língua natural para os surdos, atendendo a todos os critérios genuínos dos padrões linguísticos.

É nessa concepção que se entende que a Libras, como língua, evidencia na vida do surdo a linguagem que está em sua mente, nos seus sentimentos e a essência de si próprio.

² Método utilizado ainda pela fonoaudiologia para a atribuição da fala dos indivíduos surdos.

Eles se expressam e vivem do seu jeito, jeito que para eles não é diferente. O diferente para eles são os “ouvintes”.³ Gesser (2009) acrescenta:

[...] percebe-se que o discurso sobre o surdo, a língua de sinais e a surdez, de uma forma ampliada, “abrem-se” para dois mundos desconhecidos entre si: o do surdo em relação ao mundo do ouvinte e do ouvinte em relação ao mundo do surdo. (GESSER, 2009, p. 10)

A Libras está em evidência quando se menciona a comunicação do surdo e, por sua vez, se compromete em ser um importante instrumento para o desenvolvimento do indivíduo surdo. Eles, por sua vez, em seu contexto social, buscam maneiras de se inserir no mundo majoritário, com sua língua dominante, que é o mundo dos ouvintes, inseridos na língua portuguesa, o que lhes é um grande desafio, assim como o é quando uma pessoa sai de seu país de origem e arrisca sua vida em outro local, pois é pela comunicação, a curto prazo, que se entende sobre o meio social, cultural, dentre outros.

Segundo ainda Gesser, (2009), a falta do uso de uma língua traz consequências gravíssimas para o indivíduo, pois, sem ela, ele se torna solitário, compromete o desenvolvimento de suas capacidades mentais, também o de construir-se plenamente como ser humano, construir sua identidade e compreender o mundo que o cerca.

Vygotsky (1998) afirma que “a linguagem ocupa um papel essencial na organização das funções psicológicas superiores”. Visto isso, pode-se destacar que, sem o uso de uma língua de forma eficaz, não se promove com excelência o desenvolvimento educacional do indivíduo, bem como que a falta da comunicação interfere de forma impactante no seu desenvolvimento pessoal como um todo.

Sabe-se, portanto, que a escola é parte importante na vida de cada pessoa, sendo desencadeadora de sua formação educacional, completando a ação da família no desenvolvimento moral, social, entre outros. Para o indivíduo surdo, também não pode ser diferente, porém existem algumas contradições a respeito, pois há quem diga que o surdo não precise tanto assim da Libras, tendo que ser encorajado a aprender a língua

³ Nesse caso, refere-se aos indivíduos não surdos.

portuguesa, visto que se introduzirá no mundo majoritário, o mundo dos “ouvintes”, com muito mais facilidade.

Entretanto, essas concepções vindouras do conhecimento empírico não reconhecem que o uso da língua natural do indivíduo é necessário para sua inserção na atribuição de novas línguas, conseqüentemente para o surdo a Libras se torna excepcional. Lodi e Moura (2006) nos ajudam a compreender quando afirmam que

A possibilidade de construção de conhecimentos por meio da Libras determinará que se tornem participantes ativos nas diferentes esferas de atividade humana (públicas e privadas) constituindo-se desta forma sujeitos na e da linguagem. (LODI e MOURA, 2006, p.78).

Sendo assim, a partir do aprendizado da sua língua natural Libras, o surdo tem condições de se expressar, desencadear sua linguagem interna e estabelecer uma comunicação eficaz, sentindo-se próximo da sua realidade. Voltando no exemplo do estrangeiro em um país diferente, quando este encontra alguém com quem pode compartilhar da mesma língua, que conhece por certo seus costumes e tradições, que tem algo em comum, da mesma forma o surdo se sente em contato com alguém que tem algo em comum, ainda que seja “ouvinte”, mas consegue se comunicar e estabelecer um vínculo dentre um mar de desconhecimento alheio.

Diante desse viés, considera-se que, ainda que o surdo tenha de usar a língua portuguesa em sua escrita e compreensão do todo ao seu redor, ainda se sentirá muito mais à vontade interagindo e comunicando-se na língua de sinais, contudo, como diz Gesser (2009, p.60), “[...] há necessidade de se inverter a lógica praticada até então nos ambientes escolares e afirmar: os professores ouvintes de crianças surdas é que precisam saber a libras para poderem educá-los”.

É difícil, por certo, entender tal particularidade em decorrência do medo que o ser humano possui em relação ao novo, ao desconhecido, e parece muito mais favorável e simples que o surdo se enquadre nos padrões linguísticos majoritários, mas é necessário

compreender que, como cada pessoa tem sua particularidade em todos os âmbitos, isso também ocorre na língua. É como entender que o indígena, que cresceu com a sua língua natural, compreende com muito mais facilidade o discurso quando trazido em seu contexto. No âmbito educacional de um indivíduo surdo, isso não se difere, entretanto, no caso do uso da Libras para o aluno e seu “intérprete⁴”, isso já é garantido por lei, mas o que difere mesmo na questão educacional está na relação com o outro, na relação social. Assim,

O funcionamento da esfera cognitiva, linguística e afetiva no indivíduo surdo se desenvolve a partir do acesso a uma língua que não dependa do recurso da audição, o que significa que os estigmas, problemas apontados na pessoa surda “são produzidos por condições sociais”. (GESSER, 2009 apud GOES, 1996. p.38).

A grande questão apontada é que a falta de uma interação social promovida pela comunicação, venha trazer um prejuízo no desenvolvimento educacional, tanto na interação do aluno surdo com seu professor regente “ouvinte”, quanto para seus colegas, que por medo da comunicação talvez não consigam se relacionar com ele.

Para compreender essa importância da comunicação para o aluno surdo e a relação daquela com o desenvolvimento educacional deste, foi imprescindível ir a campo, pesquisar e observar como se daria esse processo, tendo como objetivos conhecer o processo de comunicação e sua influência para a construção do processo educacional, e investigar como e se a relação de interação com o outro pode interferir no desenvolvimento educacional dos alunos surdos. Para tanto, analisar a problemática de como a comunicação em Libras pode ou não interferir no processo de aprendizagem do aluno surdo, além de compreender como o uso da primeira língua para um indivíduo surdo se torna excepcional para o desenvolvimento de sua identidade, bem como a relação de interação promovida por uma língua pode criar e desenvolver, no ser, o aprimoramento educacional.

METODOLOGIA

⁴ Pessoa que atua como intermediária entre indivíduos que não falam a mesma língua, traduzindo da língua de um para a língua do outro (nesse caso, da língua portuguesa para a Libras, e vice-versa).

Considerou-se como tipo de pesquisa a qualitativa, pois, segundo Creswell (2007, p.184), “a investigação qualitativa emprega diferentes alegações de conhecimento, estratégias de investigação e métodos de coleta e análise de dados”.

Para a investigação, foi realizado um estudo com coleta e análise de dados para que, de forma exploratória, se pudesse comparar os dados com a teoria estudada de diversos autores referenciais, por meio de uma leitura criteriosa de suas obras.

Dos sujeitos envolvidos, foram feitas observações e coleta de dados relevantes, além de um conjunto de opiniões vindouras de entrevistas abertas direcionadas a esses indivíduos surdos inseridos no espaço educacional e os educadores diretamente ligados, além dos indivíduos complacentes, como os colegas de sala.

Para tanto, observaram-se duas alunas por aproximadamente duas semanas cada, de forma investigativa, a rotina da sala de aula, percebendo sua relação mútua entre colegas, docentes e demais profissionais da escola.

Além das observações feitas com as alunas, ambas estudantes de escolas públicas estaduais, estudantes do ensino fundamental II, respectivamente no sétimo e oitavo ano, também foram realizadas entrevistas com 12 (doze) professores diretamente ligados às alunas, e aplicados questionários com os colegas estudantes das respectivas salas.

Visando ter um olhar ampliado sobre a comunicação em Libras para o processo educacional, foi entrevistada uma estudante universitária surda, que está matriculada em dois cursos concomitantemente: Letras-Libras e Psicologia.

RESULTADOS

Os alvos desta pesquisa, como anteriormente mencionados, são alunos inseridos no espaço educacional em diferentes âmbitos e idades: duas estudantes da educação básica, no ensino fundamental II, em escolas estaduais distintas, sendo uma matriculada no sétimo e a outra no oitavo ano. Foram realizadas observações em suas rotinas escolares por aproximadamente dez dias, além de entrevistas abertas. Com os respectivos colegas da sala de aula, foram aplicados questionários, com perguntas

pertinentes à comunicação. Com os professores diretamente ligados no presente ano letivo, foram realizadas entrevistas semiestruturadas, contudo, em uma das escolas, não foi permitido fazer as entrevistas pessoalmente, assim a orientação tida pela pedagoga foi de aplicar mediante questionário, o que foi realizado, com as mesmas perguntas norteadoras da entrevista, devidamente enviado à pedagoga responsável, conseguindo aplicar somente para 30% dos professores.

A outra aluna alvo deste estudo é graduanda do curso de Psicologia em uma faculdade particular, paralelamente matriculada na Universidade Federal do Espírito Santo, frequentando o primeiro período do curso de Letras/Libras. Com ela foi realizada uma entrevista, objetivando investigar o processo de comunicação de uma aluna surda no ensino superior.

Para preservar a identidade das alunas e dos demais componentes mencionados neste artigo, foram criados nomes fictícios. A aluna estudante do sétimo ano será chamada de “Guerreira”; a outra, do oitavo ano, “Reluzente”, e a aluna universitária se chamará de “Flor Celeste”, pseudônimos dados a partir do significado dos respectivos nomes das discentes. Os demais participantes serão denominados como “Aluno 01”, “Professor 01”, e assim por diante, indiferentemente a seu sexo, se masculino ou feminino.

Como apresentação dos resultados desses dados, é importante entender segundo Silva (2001), ao dizer que, de modo geral parece suficiente a presença de um intérprete para o aluno surdo, inserido em uma escola regular de sujeitos ouvintes, pois o que importa para muitos é inseri-lo, porém o ideal mesmo é os professores juntamente com os alunos surdos fazerem o uso da Libras, levando em conta os desafios encontrados pela diferença cultural e linguística.

Segundo a afirmação, sabe-se que para o aluno surdo o intérprete tem um papel muito importante e, quando questionadas, as alunas deixam isso ainda mais claro: *“Ajuda muito o intérprete junto porque, junto com ele, o conteúdo aprendo, entendo, e o que os outros falam o intérprete interpreta para mim”* (Flor Celeste); *“Sim, muito importante; se intérprete não tem, eu nada entendo”* (“Guerreira”), e *“Sim, ela me explica tudo, sempre junto.”* (“Reluzente”).

No entanto, não basta só inserir o aluno no espaço escolar. Segundo Mantoan (2011, p. 37), a inclusão implica uma mudança de paradigma educacional, o que gera uma reorganização das práticas escolares, portanto garantir ao aluno surdo a presença do intérprete, embora seja completamente importante e necessário, ainda não é o bastante, pois é mister incluir o aluno de forma completa, e em se tratando da sala de aula, em que existe um aluno surdo usuário da Língua de Sinais, por que não promover esse uso mútuo entre o professor e aluno?

Pensando nesse ponto, as três alunas foram questionadas se existe uma relação de comunicação com seus professores em Libras, mas disseram que *“Não, nunca! Os professores vêm explicar matéria, vista meu caderno, e acabou.”* (Guerreira); *“Não, quase nunca.”* (Reluzente), e *“Muito difícil. No curso de Psicologia, eu queria que professores soubessem mais Libras, e o surdo é visual, precisa ver através da Libras para entender, eu queria que os professores soubessem mais Libras. Agora, semestre agora, tem uma professora, quer aprender Libras, parece que me entende melhor, junto com o intérprete me ensina.”* (Flor Celeste).

Até o presente momento, entende-se que para o aluno surdo a comunicação em Libras é fundamental, e no espaço escolar não é diferente, conforme se percebe na afirmação das alunas entrevistadas – e os estudos teóricos nos afirmam isso. Segundo Quadros,

As crianças estarão transferindo seus conhecimentos adquiridos na língua de sinais para o espaço escolar. O fato de passar a ter contato com a língua portuguesa com significado, trazendo seus conceitos adquiridos na sua própria língua, possibilitará um processo muito mais significativo. A leitura e a escrita podem passar a ter outro significado social, se a criança sinalizar sobre elas. (QUADROS, 2015, p. 34)

Mostra-se, assim, a veracidade sobre a importância da Libras para o aluno surdo. Por meio dela, ele adquire autonomia para lidar com os desafios vindouros, tanto nos espaços escolares quanto na sua vida em geral. Essa afirmação pode ser melhor compreendida através do depoimento da aluna surda Flor Celeste, que relata que *“A comunicação em libras me ajuda muito a progredir. Exemplo: dentro da sala de aula o professor precisa ensinar muitos alunos, cerca de 50 a 60 mais ou menos, e às vezes como vai olhar para mim, só uma pessoa, me ajuda muito.”*

A aluna Flor Celeste teve o contato com a língua de sinais somente em sua vida adulta, após muitas dificuldades em sua vida escolar, e questionada se de alguma forma a Libras trouxe facilidade para sua vida, ela diz que *“Sim, mais fácil, porque parece uma libertação, liberdade! Ficou mais fácil fazer amigos, conversar, me sinto melhor, percebo as coisas melhor; para ler me sinto melhor; até no curso de Psicologia é melhor.”*

É de fato perceptível, através desses depoimentos, que a comunicação em Libras para o aluno surdo se torna excepcional, tanto para o seu dia a dia escolar quanto para a vida social em geral, contudo sabe-se, por meio dos estudos teóricos, que o ideal mesmo seria se houvesse uma comunicação ampliada, em se tratando do espaço escolar.

Ainda nesse contexto, as alunas foram questionadas se elas desejavam que os professores fossem mais comunicativos com elas, e as respostas surpreendem: *“Boa pergunta! Sim, eu queria, porque os professores não entendem, porque tem intérprete junto, muitos professores de Psicologia não entendem que precisa contato com o surdo, nunca viu Libras. Eu queria, sim, que conversassem mais comigo.”* (Flor Celeste); *“Sim, queria, mas nada! Eu fico triste!”* (Reluzente), e *“Querida, mas já é normal!”* (Guerreira).

Nota-se como relevante a resposta da aluna “Guerreira”, questionada por que era normal para ela os professores não tentarem se comunicar e a sua resposta foi: *“Na escola, é sempre assim.”*

Imagina-se existir uma série de fatores para que não seja possível essa comunicação com o professor e o aluno surdo, e uma delas é o fato de aquele não saber Libras. Para tentar compreender esse processo, analisaram-se as entrevistas realizadas com os professores, e quanto ao questionamento sobre como classificam seu trabalho com a aluna surda, a maioria imediatamente respondeu ser “difícil”, que não consegue se comunicar com a aluna, e, quando precisam falar algo, sempre se dirige ao intérprete, pois *“não sabem Libras”*.

Algumas das respostas, porém, chamam a atenção: *“Não tenho tanta dificuldade, pois a aluna é acompanhada por uma assistente de Libras.”* (Professor 01); *“Com a intérprete não é difícil, as atividades eu explico para a intérprete, e ela passa para ela; quando*

preciso chamar a atenção, eu olho e faço algum gesto qualquer e ela entende.” (Professor 02).

Quando questionados se tentam se comunicar com as alunas e como classificam esse processo, as respostas novamente em sua maioria foram: “dificilmente”, “quase nunca”, “sempre me dirijo à intérprete”. Vale ainda destacar algumas outras respostas: *“Difícil, diretamente quase não tem comunicação da minha parte, somente com o intérprete.* (Professor 03); *“Dependendo o que é, dá para chamar a atenção, acho fácil”* (Professor 02), e *“Se a tradutora não estiver, eu tenho muita dificuldade.”* (Professor 04).

Buscando compreender se os professores sentem-se incomodados diante da barreira da comunicação, foram questionados se alguma vez eles se sentiram sem saber o que fazer, e como foi essa experiência. A resposta da maioria foi *“Sim, sempre”, “Sim, pois não sei Libras”*. Algumas respostas, entretanto, chamam a atenção: *“Nunca, pois o intérprete sempre veio.”* (Professor 05); *“Se o intérprete não estivesse presente, eu sentiria, seria impossível.”* (Professor 06).

Considera-se, nesse ponto, para alguns, que a presença do intérprete já é suficiente. Basta ter um intérprete para que a comunicação seja feita, e é suficiente, porém, como qualquer ser humano, o indivíduo surdo tem a necessidade de se inserir no espaço social de forma somativa, Quadros nos explica isso quando diz

Considerando o aspecto psicossocial, a criança surda irá integrar-se satisfatoriamente à comunidade ouvinte, somente se tiver uma identificação bastante sólida com seu grupo; caso contrário, ela terá dificuldades tanto numa comunidade quanto na outra, apresentando limitações sociais e linguísticas, algumas vezes irreversíveis. (QUADROS,1997, p.28)

Proporcionar ao aluno surdo que outros indivíduos ao seu redor saibam se comunicar com a língua de sinais, com a qual ele se identifica, fará mais sentido para ele. Para Quadros (2015, p. 33), “a questão da língua implica mudanças na arquitetura, nos espaços, nas formas de interação, nas formações de professores bilíngues, de professores surdos e de intérpretes de língua de sinais.”.

Seguindo um pouco mais, buscou-se compreender como ocorre o processo de comunicação com os colegas em sala de aula, local onde as alunas estão inseridas. Vale destacar uma conversa com a aluna Reluzente sobre se os colegas dialogavam com ela em Libras: “ *Não, Libras não.* “. Novamente questionada se ela gostava de brincar com os colegas, pois nas observações realizadas percebeu-se que ela constantemente tentava interagir, aproximava-se e fazia “palhaçadas” para eles rirem, a resposta dela foi: “Sim, eu gosto”, nesse momento foi questionada se entendia o que eles falavam, e ela disse: “Não, eu queria entender!”. Para finalizar, buscou-se saber o que ela achava que faltava, e a resposta imediata foi: “*Eles aprenderem Libras, mais difícil.*”.

Destaca-se, também, uma conversa com a aluna Guerreira sobre seus colegas. Nas observações realizadas, percebeu-se que ela tem uma amiga, colega da sala, que frequentemente senta do lado dela, e ajuda o tempo todo com as atividades. Segundo elas, moram na mesma rua e desde pequenas brincam juntas, conseqüentemente a aluna Guerreira ensinou Libras para a amiga. Quando perguntada se a amizade da amiga é importante, ela respondeu que “*Sim, eu gosto muito dela.*”, e imediatamente completou dizendo “*Nós sempre brincamos juntas desde criança, mas eu comecei a usar aparelho, me incomodava muito, porque tinha ruídos, mas não precisava, porque ela me entende em Libras.*”.

Posteriormente, a pergunta foi se ela conversava com os outros colegas da sala. “*Sim, mas conversar pouco, pois eles sabem pouco Libras.*”. O interessante é que, em um determinado dia, a amiga da aluna Guerreira faltou à aula e ela estava com o semblante triste, relatando que “*A aluna 01 faltou, não tem ninguém para conversar*”, e sobre se ela não tinha outras amigas, ela disse “*Mais ou menos, elas não vêm conversar comigo.*”.

Verificando os fatos, notou-se que existe um desejo por parte das alunas surdas em estabelecerem uma interação, contudo parece ser impedido pela barreira da comunicação, e tentando entender a visão dos alunos ouvintes, colegas estudantes da mesma sala de aula de um aluno surdo, foi-lhes perguntado como é para eles terem uma colega surda, e as respostas foram: “diferente”, “legal”, “normal”, “*uma experiência*”, “estranho”, “difícil”.

Quando questionados se de alguma forma eles tentam se comunicar com as colegas surdas, as respostas ficaram divididas entre “sim” e “não”, contudo a justificativa da maioria é que encontram dificuldades, pois não sabem Libras. Relatam que “*Não, pois não sei fazer libras do modo certo.*” (Aluno 02) e “*Sim, porque ela é legal, queria poder conversar mais com ela, poder entendê-la melhor.*” (Aluno 03).

Analisando as respostas dos colegas, percebe-se que eles, em sua maioria, têm um certo anseio de querer se comunicar, no entanto encontram uma barreira – o fato de não saberem a língua de sinais. E é a mesma barreira por parte das alunas surdas, em relação aos colegas ouvintes.

Diante das observações, percebeu-se que os colegas de ambas as alunas são bem interessados em querer se comunicar, mas em certos momentos ficava nítido que algo atrapalhava. Um dia, na aula de Educação Física, uma das colegas da aluna Guerreira, se aproximou e tentou dizer algo a ela. Fez alguns gestos e imediatamente saiu, dizendo que não conseguia. A aluna surda ficou sem entender.

Também ocorreu um episódio interessante, dentre muitos, mas que vale ser destacado, com a aluna Reluzente. Em uma Feira de Matemática de que a turma participou, dentro da escola, uma das colegas da sala tentava ajudá-la com as operações, mostrando com os dedos, usando gestos caseiros. Diante da ajuda prestada, foi notório que a aluna Reluzente não queria mais o auxílio da intérprete no restante da atividade, pois se dirigia à colega e ela sempre tentava ajudar.

Imagina-se, com todas essas experiências, o desejo de interação que deve existir por parte dos alunos surdos, ainda mais sabendo que a família nesses casos não é usuária da Libras. Prova disso é que, quando as alunas foram questionadas sobre como se comunicam com suas famílias, disseram que “*Em casa, a família faz sinais diferentes, Libras pouco, só ‘oi’, ‘banheiro’ e ‘escola’.*” (Guerreira); “*Na família, Libras nada.*” (Reluzente), e “*Minha mãe não aceita Libras, e conversa pouco. Agora minha irmã está começando a aprender Libras, eu estou ensinando, mas no geral é muito difícil.*” (Flor Celeste).

Mas essa realidade não é somente delas, segundo Silva (2001, p. 44): “Entre as pesquisas que salientam esta realidade, estão aqueles que apontam os indivíduos surdos, filhos de pais ouvintes, como a maioria da população surda. O grande problema enfrentado pelos pais ouvintes é a comunicação com as crianças surdas.”.

Nesse contexto, diante de tudo o que foi abordado, conclui-se que é necessário se ter uma consciência auditiva em relação à comunicação dos surdos, e em se tratando da sua educação, não se pode fugir da realidade e da responsabilidade, assim como afirma Quadros:

A escola (professores, administradores e funcionários) deve estar preparada para adequar-se à realidade assumida e apresentar coerência diante do aluno e da sua família. A família deve conhecer detalhadamente a proposta para engajar-se adequadamente. Os profissionais que assumem a função de passarem as informações necessárias aos pais devem estar preparados para explicar que existe uma comunicação visual (a língua de sinais) que é adequada à criança surda, que essa língua permite a criança a ter um desenvolvimento da linguagem análogo ao de crianças que ouvem, que essa criança pode ver, sentir, tocar e descobrir o mundo a sua volta sem problemas, que existem comunidades de surdos, enfim devem estar preparados para explicar aos pais que eles não estão diante de uma tragédia, mas diante de uma outra forma de comunicar que envolve uma cultura e uma língua visual-espacial. Deve-se garantir à família a oportunidade de aprender sobre a comunidade surda e a língua de sinais. (QUADROS,1997, p.29)

Embora seja desafiador, o papel da escola não é somente inserir o aluno surdo no espaço educacional, mas dar condições para que ele seja ativo, entender suas particularidades e promover uma inserção social de qualidade, e através da Língua de Sinais promover sua autonomia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Toda a perspectiva desta pesquisa foi voltada no sentido de tentar compreender como o papel da comunicação em Libras pode influenciar no aprendizado do aluno surdo, e em resposta podemos analisar e refletir o que diz Quadros:

Eles olham as bocas se movimentando e sabem que, por meio desses movimentos, as pessoas expressam pensamentos e ideias, mas, mesmo havendo tal percepção, não compreendem essa língua. Em alguns casos, passam por processos terapêuticos intensos e chegam a adquirir a língua

portuguesa, mas de forma sistemática e limitada. A diferença na modalidade da língua e do acesso a ela implica diferenças na forma de aquisição dessa língua. (QUADROS, 2015, p.30).

Essa e diversas outras exemplificações citadas ao longo deste artigo nos mostram que para o surdo, mesmo que eles aprendam a língua oral, o privilégio será sempre do visoespacial, e para seu desenvolvimento educacional não seria diferente. Eles necessitam da Língua de Sinais para compreenderem o que lhes é ensinado. Como embasamento, seguimos com a colaboração de Silva, através de seus estudos, quando diz:

A linguagem é a chave para a compreensão do modo pelo qual ocorre o processo de construção e desenvolvimento do conhecimento por meio dos conceitos. E, na concepção de Vygotsky, o estudo dos diferentes sentidos atribuídos à palavra é o caminho para a realização concreta da compreensão da relação pensamento/linguagem. (SILVA, 2001, p.32)

Com a colaboração de Vygotsky, podemos entender que a linguagem estabelece uma posição importantíssima na construção do processo de conhecimento, a linguagem do indivíduo surdo só fará sentido através da Língua de Sinais, pela qual poderá compreender o mundo a sua volta e, conseqüentemente, o que é ensinado. Silva diz que

Por isso não basta que dois indivíduos se encontrem para que a palavra ou signo se constitua. É necessário que pertençam à mesma comunidade linguística, a um grupo de pessoas com alguma organização social, ou que formem uma unidade social. (SILVA, 2001, p. 25).

Se a linguagem se torna excepcional para o desenvolvimento da aprendizagem, e a linguagem é expressa e constituída através de uma língua, torna-se fundamental que qualquer indivíduo faça o uso dela. Portanto, para o indivíduo surdo, sendo ele visoespacial, entende-se que a melhor língua para se expressar é a Língua de Sinais.

É necessário que o indivíduo se encontre em um espaço social, ou um grupo social, em sua preferência de ordem linguística para que se seu signo se constitua. Portanto, para o indivíduo surdo é necessário esse encontro com um grupo, com a língua em comum, para que se reconheça socialmente.

Nesse sentido, fica evidente que o necessário para o aluno surdo é encontrar no espaço escolar essa estrutura linguística favorável, com o grupo à sua volta, sendo usuário da língua, que para ele faz sua linguagem produzir sentido.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**: 6 ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

BRASIL. Lei federal (2002). **Lei federativa do Brasil**. Brasília, DF: senado federal, 2002. Disponível em: <
<http://www.ibdd.org.br/arquivos/leis/lei%20n%2010.436%20de%2024%20de%20abril%20de%202002.pdf>>. Acesso em: 30 out. 2018.

CREWELL, John W. **Projeto de pesquisa**: métodos qualitativo e misto. 2ª Edição. Porto Alegre, Artmed, 2007.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**: 18ª Edição. São Paulo: Loyola, 1996.

GESSER, Audrei. **Libras?: Que língua é essa?:** Crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda. 1ª Edição. São Paulo. Editora Parábola, 2009.

LODI, Claudia Ana Balieiro, e MOURA, Cecília Maria. Primeira língua e constituição do sujeito: uma transformação social. **ETD Educação Temática Digital**, Campinas, v. 7. n. 2, p. 1-13, 2006. Disponível: <
<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/786>>. Acesso em: 30 set. 2018.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. Inclusão escolar: Caminhos, descaminhos, perspectivas. In._____(Org.) **O desafio das diferenças nas escolas**. Petrópolis/RJ. VOZES. 2011. p. 29-55.

QUADROS, Muller Ronice. **Educação de Surdos**: A Aquisição da linguagem. Porto Alegre- Brasil: Editora Artmed, 1997.

QUADROS, Ronice Muller. O 'BI' Em bilinguismo na educação de surdos In._____(Org) **Surdez e Bilinguismo**. 7ª edição. Porto Alegre. Editora Mediações. 2015. p. 27-37.

QUADROS Ronice Muller de; e KARNOPP, Lodenir Becker. **Língua de sinais brasileira**: Estudos Linguísticos. 1 ed. Porto Alegre- Brasil: Editora Artmed, 2004.

SILVA, Marília da Piedade Marinho. **A construção de sentidos na escrita do aluno surdo**. São Paul: Editora: Plexus, 2001.

VYGOTSKY, Lev Semenovitch. **Pensamento e linguagem**: 2. Ed. São Paulo- SP- Brasil: Martins Fontes, 1998.